

# ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

## A SUCESSÃO DE PIRRO E A TRANSMISSÃO DE SEU ARCABOUÇO CONCEITUAL

Rodrigo Pinto de Brito  
Departamento de Filosofia e Letras - UFS

---

**Resumo:** Este artigo demonstra os principais problemas a respeito da sucessão de Pirro e da transmissão de seu arcabouço conceitual. Para tal demonstração, nossas principais fontes são D.L. IX, 68-70; PE. 14. 18. 1-5.

**Palavras-chave:** Pirronismo, sucessão, Timão de Fliunte, arcabouço conceitual.

**Abstract:** This paper shows the main problems on the Pyrrho's succession and also on the transmission of his conceptual framework. For such a demonstration, our main sources are D.L. IX, 68-70; PE. 14. 18. 1-5.

**Keywords:** Pyrrhonism, succession, Timon of Flius, conceptual framework.

---

### ABREVIACÕES

**Diógenes Laércio:** *D.L.* = *Vidas e Doutrinas dos Filósofos*

**Diels-Kranz:** *DK* = *Die Fragmente der Vorsokratiker*

**Eusébio de Cesareia:** *PE* = *Preparação para o Evangelho*

**Filodemo de Gadara:** *De Piet.* = *Sobre a Piedade*

**Flávio Josefo**

*Antiq. Jud.* = *Antiguidades Judaicas*

*Contr. Apion.* = *Contra Apionem*

**Galeno:** *Hip. Pror. Com.* = *Comentário aos 'Prognósticos' de Hipócrates.*

**Giannantoni :** *Socr. Rel.* = *Socratis et Socraticorum Reliquiae*

**Liddell-Scott-Jones:** *LSJ* = *Greek-English Lexicon*

**Políbio:** *Plb* = *História*

**Plutarco**

*Isi. et Osi.* = *De Iside et Osiride*

*Vit. Par.* = *Vidas Paralelas*

**Sexto Empírico**

*Adv. Gram.* = *Contra os Gramáticos*

*Adv. Log.* = *Contra os Lógicos*

*Adv. Phy.* = *Contra os Físicos*

*P.H.* = *Esboços Pirrônicos*

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é demonstrar os principais problemas acerca da sucessão de Pirro e da transmissão de seu arcabouço conceitual aos seus convivas.

Começaremos, a partir de D.L. IX, 68-70, com a restauração dos sucessores de Pirro, demonstrando o pouco que se pode saber sobre como eles apreenderam e desenvolveram o pensamento do mestre.

Em seguida, passaremos a Timão de Fliunte, desde a Antiguidade tratado como o principal porta-voz de Pirro. Nossa mais importante fonte para compreensão da transmissão da filosofia/vida de Pirro para Timão será PE. 14. 18. 1-5. Mas o texto de Eusébio, bispo de Cesareia, conserva alguns problemas peculiares, por exemplo: Eusébio cita um fragmento de Aristócles em que este está a citar Timão, que fala sobre Pirro; na passagem atribui-se um posicionamento teórico a Pirro, mas há descrição de pelo menos três posicionamentos; há um relato de perguntas e respostas em que se imputam a Pirro determinados conceitos cuja procedência deve ser analisada por si só. Desse modo, trataremos dos três problemas supracitados de modo imbricado, tentando resolvê-los simultaneamente.

Passaremos ao problema adicional do proferimento de asserções dogmáticas por Pirro, notadamente acerca de limites do conhecimento humano, problema para o qual será preciso fazer um interlúdio à filosofia dos atomistas abderitas, o que, por sua vez, nos permitirá rastrear a aquisição de algumas fórmulas céticas presentes mesmo em Sexto Empírico, um pensador tardio com relação a essas discussões.

Na busca então por um caminho em uma aparente aporia, compararemos a passagem PE. 14. 18. 1-5 com outras como: P.H. I, 213-215, e também várias passagens de Adv. Log. em que Sexto Empírico trata dos atomistas, notadamente Demócrito; e D.L. X, 61.

Finalmente, nos dirigiremos para D.L. IX, 104-105 para prospectarmos o legado conceitual de Timão para a história do ceticismo, assim como sua belicosidade.

## OS SUCESSORES

A questão da sucessão de Pirro é problemática, nossa principal fonte para ela é D.L. IX 69-70, passagem em que aparecem o legado de Pirro e as divisões subsequentes entre seus seguidores imediatos, que:

[são] zetéticos, por examinarem a verdade de tudo; céticos por investigarem sempre e nunca encontrarem; eféticos pelo estado após o exame, digo, a suspensão de juízo; aporéticos, por estarem em um estado de aporia em relação às próprias [noções], assim como em relação às dos dogmáticos; pirrônicos pelo Pirro...

Mas isso não é algo totalmente verossímil, tendo em vista que seria preciso datar a formação da *σκεπτικὴ ἀγωγή* como anterior à Enesidemo, quando é mais provável que tivesse havido uma dissensão entre os companheiros de Pirro, que teriam se dividido em grupos após sua morte, algo que pode ser presumido pela recusa de Teodósio em ser tratado como pirrônico (no fim do passo D.L. IX, 70).

Contudo, podemos estar certos de que pelo menos Timão (*circa* 330-220 a.C.), Nausífanos (*circa* 360 a.C.), Euríloco (séc. III a.C.), Filon de Atenas (séc. III a.C.), Numênio (séc. III a.C.), Hecateu e Ascânio de Abdera (ambos no séc. III a.C.) de fato foram convivas de Pirro<sup>1</sup> e influenciados por sua personalidade e filosofia/vida, embora possamos supor que não sem divergir.

Timão de Fliunte provavelmente foi o mais célebre dos convivas de Pirro e, como assinala Brochard, o círculo do qual ele fazia parte, o do “primeiro pirronismo”, talvez seja mais um grupo de “admiradores de Pirro, familiares ou imitadores dele” do que de fato discípulos formais dispostos em uma linhagem sucessória sob uma doutrina escolar<sup>2</sup>, como representaram D.L. e também Eusébio, no trecho que analisaremos em seguida (PE. 14. 18. 1-5), ao chamar Timão de μαθητής. Na verdade, houve por parte dos filósofos Helenísticos, bem como pelos historiadores e biógrafos do período, a necessidade de erigir sucessões entre filósofos, fazendo-as recuar a antecessores que serviriam como “autoridades” por detrás da fundação das filosofias, engrandecendo as genealogias das escolas, isso pode ser identificado nas primeiras fases do estoicismo e do epicurismo, e também no cinismo e no pirronismo.

Os casos do cinismo e do pirronismo são semelhantes: ambos são mais corretamente caracterizados como δύναμις ou ἀγωγήι do que σχολαί ou αἵρεσις, e antes de serem entendidos como escolas, como quiseram D.L. e PE, devem ser vistos como modos de vida cuja viabilidade prática de suscitar o alcance da finalidade (τέλος) derradeira da existência humana — ἀρετή, εὐδαιμονία, ἀπάθεια, αὐτάρκεια — é muito

<sup>1</sup> É possível que o nome Ascânio seja uma corruptela de Hecateu de Abdera. Ver: ‘DECLEVA CAIZZI, F. (org.). *Pirrone testimonianze*. Nápoles: Bibliopolis, 1981’.

<sup>2</sup> ‘BROCHARD, Victor. *Os Céticos Gregos*. São Paulo: Editora Odysseus, 2010, p. 90.

mais atestada na execução e desempenho performático de um estilo de vida do que pela coesão teórica. Contudo, voltando a Timão, se não é um discípulo, como PE quer que pensemos, foi o mais próximo entre os convivas de Pirro, viveu cerca de noventa anos, tendo abandonado sua profissão de dançarino para dedicar-se à filosofia por volta dos vinte e cinco anos, tornando-se primeiramente discípulo de Estilpo de Megara e, depois, mudando-se para Élide, companheiro de Pirro que, com sua filosofia/vida, inspirou-o em seus escritos polêmicos e satíricos (Σίλλοι), em três livros.

Além da proximidade com Pirro, Timão é considerado o maior porta-voz e divulgador da filosofia/vida de Pirro (ver, por exemplo, Adv. Gram. 53: “ὁ προφήτης τῶν Πύρρωνος... Τίμων”<sup>3</sup>), porque os outros que com Pirro conviveram — Fílon de Atenas, Nausífanos, Euríloco, Hecateu e/ou Ascânio de Abdera e Numênio — parecem ter absorvido exclusivamente o caráter moral da filosofia/vida de Pirro, ou melhor, sendo mais preciso, absorveram exclusivamente a vida, ao passo que Timão absorveu também a filosofia. Por outro lado, serão escusados se lembrarmos de que era justamente na prática que Pirro se concentrava. Desse modo, antes de nos atermos aos fragmentos de Timão que nos interessam, devemos passar em revista os outros convivas de Pirro.

Começando com Fílon de Atenas (que não é o acadêmico que disputou com Enesidemo), que não se ocupava “de glória ou querelas” e, assim como Pirro, falava sozinho para exercitar o discurso, mas fugia dos homens e preferia estar só a acompanhado, sendo autodidata<sup>4</sup>.

Nausífanos era mais propriamente um atomista do que um “pirrônico”, dizia “que se deveria seguir a disposição (διάθεσις) de Pirro”, ou seja, tão-somente sua conduta prática, porque seguia sua própria razão (λόγος), fazendo uma distinção entre seu modo de pensar, influenciado pelo atomismo, e seu modo de se comportar, influenciado por Pirro<sup>5</sup>, o que ilustra o caráter quase que exclusivamente performático do “pirronismo”, e o caráter mais teórico da física atomista, além da inexistência de uma disciplina escolar que definiria o pirronismo.

Euríloco era pouco dado a disputas intelectuais e debates sofisticados, preferia atravessar um rio a nado a exaurir-se com contendas, e era “belicosíssimo com relação

<sup>3</sup>“προφήτης” = intérprete ou expositor, ver: LSJ.

<sup>4</sup> Ver *D.L.* IX, 69.

<sup>5</sup> Ver *D.L.* IX, 64.

aos sofistas”<sup>6</sup>. Hecateu de Abdera viveu entre a corte Lágida e escreveu tratados sobre os egípcios, sobre os judeus e Abraão<sup>7</sup>, pensava que a filosofia era algo prático, e não teórico<sup>8</sup>. Se Ascânio é outro, e não uma corruptela de Hecateu, nada de conclusivo se sabe sobre ele. Igualmente obscuro é Numênio, que não deve ser confundido com o neoplatônico homônimo de Apameia (séc. II d.C.).

### TIMÃO DE FLIUNTE

Assim, entre os convivas de Pirro, é com Timão que começa a formação do que poderíamos chamar de “primeiro pirronismo”<sup>9</sup>, com suas peculiares idiosincrasias e “ganhos” conceituais:

É completamente necessário investigar nossa própria capacidade de conhecimento (διασκεψασθαι περὶ τῆς ἡμῶν αὐτῶν γνώσεως). Pois, se somos constituídos de tal forma que ninguém sabe nada (μηδὲν... γνωρίζειν), não há necessidade de continuar investigando (σκοπεῖν) as coisas. Também entre os Antigos houve quem fizesse esse pronunciamento, e Aristóteles argumentou contra eles. Pirro de Élida foi também um poderoso defensor de tal posição. Ele próprio nada deixou por escrito, mas seu pupilo (μαθητής), Timão, diz que quem quer ser feliz (εὐδαιμονήσειν) deve considerar estas três questões: primeiro, como são as coisas por natureza (πρῶτον μὲν, ὅποια πέφυκε τὰ πράγματα)? Segundo, qual atitude devemos adotar diante delas (δεύτερον δέ, τίνα χρῆ τὸν τρόπον ἡμᾶς πρὸς αὐτὰ διακεῖσθαι)? Finalmente, qual será o resultado para aqueles que têm essa atitude (τελευταῖον δέ, τί περιέσται τοῖς οὕτως ἔχουσι)? [De acordo com Timão, Pirro] declarou que as coisas são igualmente indiferentes (ἀδιάφορα), instáveis (ἀστάθμητά) e indetermináveis (ἀνεπίκριτα). Por isso, nem nossas sensações e tampouco nossas opiniões dizem-nos verdades ou mentiras (διὰ τοῦτο μήτε τὰς αἰσθήσεις ἡμῶν μήτε τὰς δόξας ἀληθεύειν ἢ ψεύδεσθαι). Portanto, não devemos confiar nelas nem um pouco, mas não devemos opinar, inclinarmos, abalar-mo-nos (ἀλλ' ἀδοξάστους καὶ ἀκλινεῖς καὶ ἀκραδάντους εἶναι), dizendo que, quanto a cada coisa, que não é mais do que não é, ou que tanto é quanto não é, ou que nem é e nem não é (περὶ ἐνὸς ἐκάστου λέγοντας ὅτι οὐ μᾶλλον ἔστιν ἢ οὐκ ἔστιν ἢ καὶ ἔστι καὶ οὐκ ἔστιν ἢ οὔτε ἔστιν οὔτε οὐκ ἔστιν). O resultado para aqueles que realmente adotam essa atitude, diz Timão, primeiro será a não asserção (ἀφασίαν), e então a imperturbabilidade (ἀταραξίαν); e Enesidemo diz prazer (ἡδονήν). (PE. 14. 18. 1-5).

Nesta passagem – que talvez seja um dos mais importantes fragmentos doxográficos da transição da filosofia/vida de Pirro para a de seu προφήτης, Timão de

<sup>6</sup> Ver *D.L.* IX, 69.

<sup>7</sup> *Isi. et Osi.*, 9; *Antiq. Jud.*, I, vii, 2.

<sup>8</sup> Ver: *Contr. Apion.*, 1,22.

<sup>9</sup> “Early Pyrrhonism”, nas palavras de Anthony Long e David Sedley, cf. : ‘LONG, A.A.; SEDLEY, D.N. *The Hellenistic Philosophers: translation of the principal sources, with philosophical commentary*, Vols. 1 e 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1987’.

Fliunte – há a transcrição por Eusébio, bispo de Cesareia, de um fragmento do peripatético Aristócles em que, por sua vez, é citado um fragmento doxográfico de Timão. O tratamento que Aristócles dá ao fragmento de Timão segue o programa do peripatetismo do séc. I d.C, em que há uma introdução geral, seguida de um excerto, timoniano, no caso.

Tendo isso em vista, Aristócles atribui a Pirro a exortação à investigação de “nossa própria capacidade de conhecimento”. Portanto, aqui Aristócles circunscreve a investigação à epistemologia, de modo que se evidencie a amplitude da capacidade humana de conhecer, ou se o ser humano é constituído de tal modo que haja limites para o conhecimento nele (i.e., no homem) intrínsecos.

O passo problemático está na vaga afirmação de que “Pirro de Élide foi também um poderoso defensor de tal posição”. Mas qual posição? A de que se deve investigar, ou a de que há limites naturais para o conhecimento humano? A dica para a resposta está na outra afirmação de Aristócles, a de que “Aristóteles argumentou contra eles”. Ora, Aristóteles não pôde ter argumentado contra Pirro, uma vez que o estagirita morreu somente dois anos após a ida de Pirro ao oriente, momento em que o filósofo de Élide ainda seria tão-só mais um estudante sob o atomismo abderita. Desse modo, a contra-argumentação de Aristóteles, citada por Aristócles, provavelmente é aquela que aparece na *Metafísica* Γ, que não nos concerne no momento.

Mas, como não basta calcar hipótese sobre hipótese, retomemos a análise questionando se Pirro pode ser o emissor das seguintes asserções: (a) que os homens são naturalmente constituídos de modo que de nada sabem; ou (b) que é “necessário investigar nossa própria capacidade de conhecimento”.

A opção (b), a um primeiro olhar, parece a mais plausível, principalmente se levarmos em conta a ocorrência na passagem do aoristo infinitivo médio-passivo do verbo *διασκέπτομαι* (“*διασκέψασθαι περὶ τῆς ἡμῶν αὐτῶν γνώσεως*”, grifo nosso), referindo-se aos adeptos da *dýnamis* investigativa, denominados *σκεπτικοί*, por promoverem a *σκέψις*. Mas há um problema adicional aqui: Pirro não era um cético, (embora mais tarde fosse entendido como tal), mas, sim, um atomista, e aí, tendo o atomismo em mente, podemos entender como a asserção (a) também pode ser advinda de Pirro. Assim, urge que façamos um interlúdio sobre o atomismo abderita.

**UM INTERLÚDIO SOBRE O ATOMISMO**

Sexto Empírico, cerca de cinco séculos após Pirro, ainda pensava ser necessário argumentar e enumerar as diferenças entre o pirronismo e o atomismo, tanto por causa da relação estreita de Pirro e de seus sucessores com a filosofia de Abdera, quanto por causa da herança conceitual que o atomismo legou ao ceticismo quando houve aquela relação estreita.

Desse modo, para Sexto, de fato havia semelhanças entre pirronismo e atomismo, notadamente a percepção da ambiguidade das sensações (o exemplo é sempre o do mel, que parece doce aos sãos e amargo aos doentes) e o uso da fórmula οὐ μᾶλλον, contudo, no caso do ceticismo, essa expressão serve como uma declaração da ignorância e da despreensão à verdade, ao passo que para Demócrito ela indicava que a verdade não estava no macro, mas sim no micro, nos átomos (cf. P.H. I, 213-215).

Quanto a Pirro, seu discípulo Ascânio de Abdera (apud. D.L. X, 61) registra já o uso de Pirro da fórmula οὐ μᾶλλον (“οὐ γὰρ μᾶλλον τόδε ἢ τόδε εἶναι ἕκαστον”). Não nos ateremos aos pormenores da fórmula, contudo, se, com Sexto Empírico, ela é realmente originalmente atomista, e se, com Ascânio, Pirro já a utilizava, então ela serve como uma espécie de atestado conceitual da influência direta da filosofia abderita sobre Pirro.

Mas, além disso, há também por Ascânio (apud. D.L. X, 61) a afirmação de que Pirro teria feito a asserção de que “sobre todas as coisas, afirmava nada ser em verdade” (“ἐπὶ πάντων μηδὲν εἶναι τῆ ἀληθείᾳ”).

Esta asserção alinha-se perfeitamente aos seguintes fragmentos de Demócrito<sup>10</sup>, nos quais ele, assim como Pirro, asseire a impossibilidade do conhecimento:

Frag. D15 (D.L. IX, 72): Quanto à realidade, não sabemos nada; pois ela está nas profundezas.

Frag. D16 (Adv. Log. I, 135): Por convenção o doce e por convenção o amargo; por convenção o quente e por convenção o frio; por convenção a cor; mas na realidade os átomos e o vazio.

Frag. D17 (Adv. Log. I, 136): Na verdade, não conhecemos nada firmemente, mas somente o que muda de acordo com a condição do corpo e das coisas que [nele] entram e põem-se contra ele.

Frag. D18 (Adv. Log. I, 136): Que na realidade não sabemos que tipo de coisa cada coisa é ou não é foi demonstrado muitas vezes.

<sup>10</sup> Para mais ver a melhor, por ser a mais atual, compilação dos fragmentos dos atomistas: ‘TAYLOR, C. W. (org. & trad.). *The atomists: Leucippus and Democritus, fragments*. In: *The Phoenix Presocratics*. Toronto: University of Toronto Press, 2010.’

Frag. D19 (Adv. Log. I, 137): Por esse princípio, o homem deve saber que foi posto fora da realidade.

Frag. D20 (Adv. Log. I, 137): Esse argumento também demonstra que na realidade não sabemos nada sobre nada, mas a opinião de cada pessoa é algo que flui.

Frag. D21 (Adv. Log. I, 137): Ainda, estará claro que conhecer que tipo de coisa cada coisa é na realidade é algo impossível.

Assim sendo, alinhando-se ao atomismo, o interesse de Pirro é pela constituição das coisas em sua natureza, tanto dos homens, ao conhecerem, quanto dos outros objetos, ao serem conhecidos. Mas há ainda o interesse adicional de extrair um resultado moral a partir das conclusões originadas nas investigações naturais. Por isso que a pergunta sobre o estatuto ontológico das coisas (“πρῶτον μὲν, ὅποια πέφυκε τὰ πράγματα;”) é seguida por outra questão, agora sobre como se comportar diante disso (“δεύτερον δέ, τίνα χρῆ τρόπον ἡμᾶς πρὸς αὐτὰ διακεῖσθαι;”), seguida, por sua vez, por uma interrogação sobre o resultado prático da ação conforme uma natureza que se verificará em si indeterminada (“τελευταῖον δέ, τί περιέσται τοῖς οὕτως ἔχουσι;”).

## RESPOSTAS

Voltando a Aristócles apud. PE. 14. 18. 1-5, segundo ele, Timão, após relatar as três questões supracitadas, dá para elas três respostas que seriam oriundas do próprio Pirro, mas que também demonstram como, na transição da filosofia/vida de Pirro para Timão, o último preocupou-se em dar uma coerência mais sistemática ao pensamento do seu mestre, expondo-o de modo prescritivo.

Assim, para a pergunta: “como são as coisas por natureza (πρῶτον μὲν, ὅποια πέφυκε τὰ πράγματα)?” A resposta é “as coisas são igualmente indiferentes (ἀδιάφορα), instáveis (ἀστάθμητά) e indetermináveis (ἀνεπίκριτα)”. Diante disso, “nem nossas sensações e tampouco nossas opiniões dizem-nos verdades ou mentiras (διὰ τοῦτο μήτε τὰς αἰσθήσεις ἡμῶν μήτε τὰς δόξας ἀληθεύειν ἢ ψεύδεσθαι)”.

Para a questão sobre “qual atitude devemos adotar diante delas [as coisas igualmente indiferentes, instáveis e indetermináveis] (δεύτερον δέ, τίνα χρῆ τρόπον ἡμᾶς πρὸς αὐτὰ διακεῖσθαι)”. A resposta é que “não devemos confiar nelas nem um pouco, mas não devemos opinar, inclinarmo-nos, abalarmo-nos (ἀλλ' ἀδοξάστους καὶ ἀκλινεῖς καὶ ἀκραδάντους εἶναι), dizendo que, quanto a cada coisa, que não é mais do que não é, ou que tanto é quanto não é, ou que nem é e nem não é (περὶ ἐνὸς ἐκάστου



λέγοντας ὅτι οὐ μᾶλλον ἔστιν ἢ οὐκ ἔστιν ἢ καὶ ἔστι καὶ οὐκ ἔστιν ἢ οὔτε ἔστιν οὔτε οὐκ ἔστιν)”.

Para a última interrogação: “qual será o resultado para aqueles que têm essa atitude [não opinativa, sem inclinações e inabalável, e que não assera que algo é (mais do que não é), ou que tanto é quanto não é, ou que nem é e nem não é] (τελευταῖον δέ, τί περιέσται τοῖς οὕτως ἔχουσι)?” A resposta é: “o resultado para aqueles que realmente adotam essa atitude, diz Timão, primeiro será a não asserção (ἀφασίαν), e então a imperturbabilidade (ἀταραξίαν); e Enesidemo diz prazer (ἡδονήν)”.

### PROBLEMAS

Bem, tendo dito isso, resta-nos considerar alguns problemas que emergem:

1. Claramente, há uma contradição entre: (a) asserir que as coisas são por natureza inescrutáveis; e (b) prescrever um modo de vida não assertórico.

2. Apesar da palavra ἀταραξία ser comum nos desenvolvimentos mais tardios do ceticismo, não necessariamente já estava presente no vocabulário de Pirro, mas ela aparece aqui.

Para os dois problemas acima, temos as seguintes réplicas:

R1. de fato, há uma contradição entre (a) e (b), e parece ainda que ela perdurou, por um lado, até a academia em fase cética — que pretendeu resolvê-la recorrendo ao critério do “provável”, apelando para uma noção dogmática como solução moral e de conduta prática, diante da asserção igualmente dogmática da inescrutabilidade das coisas, e posteriormente abrindo mão do ceticismo — e, por outro lado, até Sexto Empírico, que optou pela caracterização do discurso do cético como não assertórico, reduzindo seu compromisso com a verdade, ou com a natureza dos objetos, e ligando-o à percepção das coisas como elas (a)parecem ser;

R2. em nenhum momento há a pretensão de atribuir o vocábulo ἀταραξία ao próprio Pirro aqui. Pelo contrário, Aristócles deixa claro que isso é o que “diz Timão”, e coloca ao lado do que “Enesidemo diz” (i.e., ἡδονήν), corroborando que ambas são palavras surgidas na recepção da filosofia/vida de Pirro, e não arcabouço conceitual dele próprio. Desse modo, podemos atribuir o acréscimo do conceito ἀταραξία ao “jargão” cético como obra de Timão. Ou talvez, de um modo mais abrangente, como obra do

círculo dos convivas de Pirro, incluindo Nausífanos, o que poderia justificar o uso epicurista do mesmo conceito, transmitido pelo próprio Nausífanos, mestre de Epicuro.

Ademais, se devem a Timão outras importantes adaptações, como a interpretação da expressão οὐ μᾶλλον (“não mais”) como “τὸ μηδὲν ὀρίζειν, ἀλλ’ ἀπροσθετεῖν” (“nada definir, ou seja, suspender o juízo”)<sup>11</sup>. É importante notar o uso, por Timão, de um vocábulo que significa “suspensão de juízo”, ou “retenção do assentimento”, mas que não é ἐποχή. O vocábulo ἐποχή, na verdade, aparece no mesmo passo D.L. IX 76, mas algumas linhas abaixo, vinculadas a metáforas médicas. Se considerarmos que a infiltração do pirronismo nas discussões médicas só ocorre por volta do séc. I d.C., após Agripa ter escrito seus tropos, então a passagem onde aparece o vocábulo ἐποχή relaciona-se a um ceticismo pirrônico que já tem ganhos conceituais cronologicamente posteriores à Timão, como a própria ἐποχή. Desse modo, é mais provável que Timão usasse o vocábulo ἀπροσθετέω ao se referir à suspensão ou retenção do assentimento.

Também se deve a Timão a instauração da figura de um cético que, ao invés de se comportar de um modo imprevisível (ἀπροόρατος), era um cidadão comum, que não afrontava os costumes e era coagido pelos fenômenos, deixando-se conduzir pelas aparências:

Os dogmáticos dizem, ainda, que [os cétricos] destroem a vida, ao rejeitarem todas as coisas em que a vida consiste (Πάλιν οἱ δογματικοὶ φασιν καὶ τὸν βίον αὐτοὺς ἀναιρεῖν, ἐν ᾧ πάντ’ ἐκβάλλουσιν ἐξ ὧν ὁ βίος συνέστηκεν). Os cétricos, todavia, dizem que os dogmáticos mentem. “Pois não rejeitamos o que vemos, ignoramos apenas como vemos. E tomamos o fenômeno, sem defender que a coisa seja tal. E sentimos que o fogo queima, mas suspendemos o juízo (ἐπέχομεν) sobre se tem a capacidade de queimar por natureza.

Vemos que alguém se move e que outro morre. Mas não sabemos como isso acontece. “Então”, dizemos, “apenas contrapomos aos fenômenos as indicações não evidentes (ἀνθιστάμεθα πρὸς τὰ παρυφιστάμενα τοῖς φαινομένοις ἄδηλα). Pois, quando dizemos uma imagem ter saliências, tornamos manifesto o fenômeno. Quando, porém, dizemos que ela não tem saliências, jamais dizemos o que aparece diferente do fenômeno”. Com efeito, Timão, no Pítion, afirmava não ter afrontado o costume (συνήθειαν). E nos *Indalmoi* dizia assim:

Mas o fenômeno é forte em toda parte por onde passa (ἀλλὰ τὸ φαινόμενον πάντῃ σθένει οὐπερ ἄν ἔλθῃ).

E, em *Sobre as sensações*, observa, “não coloco que o mel é doce, mas concordo que assim me parece”. (D.L. IX, 104-105. Grifos nossos).

<sup>11</sup> Ver: D.L. IX 76.

Na passagem acima se faz claro o surgimento de uma crítica ao ceticismo que afirma que ele destrói a própria vida, uma vez que rejeita tudo em que ela consiste. Essa crítica não é mais, por um lado, nem como aquela de Aristóteles (dirigida aos relativistas (e protocéticos) na *Metafísica Γ*)<sup>12</sup> — para quem a rejeição, por meio do discurso, do princípio de não contradição é auto refutativa — e nem, por outro lado, como aquela que diz que o comportamento do cético é imprevisível. Algumas linhas abaixo da crítica há uma defesa que define o escopo da suspensão de juízo:

Pois não rejeitamos o que vemos, ignoramos apenas como vemos. E tomamos o fenômeno, sem defender que a coisa seja tal. E sentimos que o fogo queima, mas suspendemos o juízo (*ἐπέχομεν*) sobre se tem a capacidade de queimar por natureza.

Mas aqui há a alegação de que não se sabe como as coisas (por exemplo, o fogo) são por natureza, contudo, quando analisamos PE. 14. 18. 1-5, vimos que Timão dizia que as coisas são, por natureza, inescrutáveis. Ademais, vimos também que não há ainda a aquisição do vocábulo *ἐποχή* por Timão, mas no trecho acima há *ἐπέχομεν*. Não obstante, não se trata de uma contradição: mais uma vez, D.L. sobrepõe diferentes relatos e ganhos conceituais do ceticismo de forma anacrônica, e não cronológica, de modo que o trecho acima selecionado, que narra uma crítica anticética posterior a Timão, sirva em D.L. de introdução para a citação de três fragmentos do próprio Timão: um em que ele “afirmava não ter afrontado o costume (*συνήθειαν*)”; outro em que ele diz que “o fenômeno é forte em toda parte por onde passa (*ἀλλὰ τὸ φαινόμενον πάντα*)

<sup>12</sup> Ver Cassin (‘CASSIN, B. *O efeito sofisticado*. São Paulo: Editora 34, 2005’), para quem a crítica e a refutação de Aristóteles aos relativistas é tripla, e envolve, cito:

1. Refutação lógica: A refutação mais óbvia, por provir diretamente da própria definição da refutação, consiste em um processo de contradição lógica. O papel do adversário é o de afirmar um enunciado que constitua, direta ou indiretamente, uma recusa do princípio. Podem-se imaginar dois tipos de enunciados. Os primeiros remetem aos próprios termos do enunciado canônico, diretamente — “o mesmo é e não é”, “o homem negro é branco”. Os segundos constituem um caso particular dos primeiros, aproximando-se dos enunciados já atribuídos por Platão aos relativistas, e se formulam em termos de verdade e de falsidade: tudo é verdadeiro, tudo é falso, o mesmo é simultaneamente verdadeiro e falso. (...)

2. Refutação pragmática: Assim, a segunda descrição não concerne ao nível da contradição lógica, característica de toda refutação, mas se situa no nível do que se poderia adequadamente chamar de uma contradição pragmática. Pois ela não se refere ao conteúdo da tese propriamente dito, mas à posição mesma na qual a refutação põe o adversário: se ele recusa o princípio, aceita, entretanto, cumprir o papel de respondente, isto é, defender sua tese da contradição. A impossibilidade da contradição não lhe é, como ainda há pouco, infligida de fora, pois é constitutiva de sua própria decisão de argumentar: é sua atitude que é autocontraditória. (...)

3. Refutação transcendental: Para que haja refutação, portanto, basta “que o adversário diga algo” (1006 a12-13): isso não implica nem estabelecer uma premissa nem defender uma tese, mas apenas “significar algo, para si e para outrem” (a21). Na equivalência entre essas duas formulações, “dizer algo” e “significar algo”, consiste toda a condição da refutação, que é ao mesmo tempo sua condição de base: ela é necessária, não apenas para que haja refutação ou dialética, mas para que haja, antes de tudo, discurso.”

σθένει οὐ̃περ ἄν ἔλθη)”; e outro em que faz a ressalva de que “não coloc[a] que o mel é doce, mas concord[a] que assim me parece”.

Agora, se estamos certos de que as críticas anticéticas que aparecem em D.L. IX 104-105, bem como a defesa cética imediatamente posterior que define o escopo da ἐποχή, são posteriores a Timão e servem como introdução a três fragmentos dele enxertados no texto, então devemos considerar a réplica e a tréplica em outro momento. Por ora, recapitularemos quais são os desenvolvimentos conceituais da *dýnamis* investigativa de Timão para, em seguida, nos concentrarmos em sua belicosidade:

1. Timão, seguindo o atomismo de Pirro, era um dogmático negativo em teoria do conhecimento.

2. Contudo, pensava que, mesmo assim, dever-se-ia investigar como as coisas são por natureza. Mas Timão introduz os correlatos do vocábulo σκέψις (por exemplo, διασκέψασθαι) para referir-se à *dýnamis* investigativa, ao invés da ζήτησις de Pirro.

3. Como resultado da investigação não surgem a aporia ou a diafonia sextianas, mas a certeza dogmática de que as coisas são naturalmente indiferentes (ἀδιάφορα), instáveis (ἀστάθμητά) e indetermináveis (ἀνεπίκριτα).

4. Diante disso, devemos abrir mão da pretensão à verdade, suspendendo o juízo — verbo ἀπροσθετέω, e não ἐποχή, salientamos — e tornarmo-nos sem opiniões, sem inclinações e não deixarmo-nos abalar (ἀδοξάστους καὶ ἀκλινεῖς καὶ ἀκραδάντους), cessando a asserção (ἀφασία).

5. Somente assim podemos consumir o τέλος da σκέψις, a εὐδαιμονία, que ganha sua definição negativa clássica: ἀπαραξία.

6. Finalmente, há a transformação da fórmula οὐ μᾶλλον em uma expressão da impossibilidade de definir (μηδὲν ὀρίζειν).

## A BELICOSIDADE

Foi também com Timão que a *dýnamis* investigativa, além de se ater à sua tarefa própria, a σκέψις, ganhou seu caráter combativo, dando ao ceticismo uma das suas maiores marcas distintivas: a agonística. De fato, o objetivo de Timão era, com inspiração literária cínica<sup>13</sup>(iambos e meliambos satíricos que, por sua vez, têm sua

<sup>13</sup> Ver: ‘LONG, A. A. *A tradição socrática: Diógenes, Crates e a ética Helenística*. In: GOULET-CAZÉ, M-O; BRANHAM, R. B. (orgs.). *Os cínicos: o movimento cínico na Antiguidade e seu legado*. São Paulo: Loyola, 2007’.

invenção atribuída à Xenófanes de Cólofon, em suas paródias à Homero e Hesíodo)<sup>14</sup>, e com inspiração filosófica igualmente cínica, demonstrar a τῦφος dogmática<sup>15</sup>, uma febre atroz que mergulha o dogmático na fumaça (verbo fumegar = τύφω; ou τυφώω<sup>16</sup>), na neblina de sua própria vaidade (Plb. 3.22.4), que é a causa derradeira das ilusões (De Piet. 21) e do comportamento afetado daqueles que pensam que são sábios (Vit. Par., Vida de Péricles, 5). O único modo de evitar essa τῦφος é vivendo com simplicidade (= ἀτυφία; ver: Medit. 2.17.1, 6.13.1, 12.24.1, 12.27.1) e sem arrogância, moderadamente (= ὑπάτυφος; ver Sexto Empírico falando de Xenófanes em: P.H. I, 224). Desse modo, Timão não hesita em atacar os dogmáticos, sofreadores de τυφομανία (segundo Galeno, uma doença, ver: Híp. Pror. Com. 16, 497, 11):

Há três livros dos *Silloi*, nos quais Timão, adotando a postura de um cético, insulta a todos e satiriza a todos os dogmáticos por meio da paródia. O primeiro livro tem ele por narrador, enquanto que o segundo e o terceiro são diálogos. Ele aparece interrogando Xenófanes de Cólofon sobre cada filósofo, e Xenófanes responde-lhe. No segundo livro ele lida com os filósofos mais antigos, e no terceiro com os filósofos recentes, razão pela qual esse último livro recebeu de alguns o nome de Epílogo. O primeiro livro cobre os mesmos assuntos, exceto que o poema é em forma de monólogo. Ele começa assim: “Dize-me agora, intrometidos (πολυπράγμονές) sofistas.” (D.L. IX, 111).

Na passagem acima, devemos notar primeiramente a forma dialógica de dois dos três livros dos *Silloi*, em que Xenófanes é quem conversa com Timão, estando, portanto, imune à polêmica que se abaterá sobre os outros filósofos, tanto antigos como recentes<sup>17</sup>, tratados genericamente como sofistas e acusados de πολυπραγμοσύνη, o

<sup>14</sup> Vale notar ainda que Timão dedica seus “Σίλλοι” à Xenófanes, também ele um autor de “Σίλλοι”, ver: D.L. IX 18 (Fr DK 21 A ).

<sup>15</sup> Ver: ‘DECLEVA CAIZZI, F. τῦφος: Contributo allá storia di un concetto. In: *Sandalion* 3, 1980’, págs. 53-66. E: ‘BRANCACCI, A. *La filosofia di Pirrone e le sue relazioni con il cinismo*. In: GIANNANTONI, G. (org.). *Lo scetticismo antico*. Roma, 1981’.

<sup>16</sup> Ver Crates, parodiando a descrição homérica de Creta: “Há uma cidade Pêra no meio da neblina (τῦφος) cor de vinho, bela e fértil, inteiramente esqualida, onde não há nada, para onde nenhum tolo navega, nenhum parasita ou devasso que se delicie com o traseiro de uma prostituta; mas que tem tomilho e alho, figos e pães, que não são causa para seus habitantes guerrearem entre si, nem pegam eles em armas por lucro ou por fama.” (*Socr. Rel. v.2, V H 70*).

<sup>17</sup> Não só Xenófanes estava imune aos virulentos ataques de Timão, todo o círculo eleata era admirado por ele: “E a força do magnânimo Parmênides não foi a multiplicidade das opiniões; expulsou a imaginação enganosa e introduziu em seu lugar os pensamentos” (D.L. IX, 23); “Zenão [de Eléia], com sua grande força, dificilmente resistível, capaz de defender uma tese e seu contrário, severo crítico de todos, e Melisso, sobressaindo entre os numerosos fantasmas, cedem somente a poucos” (D.L. IX, 25). E principalmente os atomistas: “É assim o sábio Demócrito, pastor de palavras, conversador talentoso, que reconheço entre os primeiros” (D.L. IX, 40). Havia também uma admiração por Protágoras: “O principal de todos os sofistas, dos primeiros e dos últimos, não faltando clareza de discurso ou visão ou versatilidade, Protágoras. Queriam fazer uma fogueira de seus escritos, porque escreveu que não conhecia

vício diametralmente oposto à virtude pirrônica da ἀπραγμοσύνη. Na verdade, os principais alvos de Timão eram Epicuro — “Último dos físicos, o mais desavergonhado, vindo de Samos, escolarca, o mais ignorante dos seres vivos” (D.L. X, 2) —, Sócrates e a tradição socrática, incluindo os acadêmicos, os estoicos e excetuando os cínicos:

A partir deles [Sócrates] o cortador de pedras, tagarela de leis, se virou... (Adv. Log. I, 8).

Por isso Timão culpa Platão por enfeitar Sócrates dessa maneira com múltiplas disciplinas: pois Platão, diz ele, “sofria por não ter permanecido tão-somente um professor de ética”. (Adv. Log. I, 10).

Não me importo com esses tagarelas, nem com outros [socráticos] quaisquer, nem com Fédon, seja ele quem for, nem com o briguento Euclides [de Megara], que transmitiu aos megáricos o amor frenético pela controvérsia. (D.L. II, 10).

Nem [ligo para (?)] de Aristóteles, a penosa futilidade... (D.L. V, 11).

Vi [o estoico Zenão de Cítio,] uma gananciosa velha pescadora fenícia, cheia de orgulho vil, desejosa de tudo. Os fios de seu tecido sutil jamais se desfizeram, e sua inteligência era menos do que um instrumento de cordas. (D.L. VII, 15).

### CONCLUSÃO

Tomando por fonte principal D.L. IX, 68-70, fomos capazes de restaurar os sucessores de Pirro, para tentarmos dimensionar a recepção imediata de sua filosofia/vida.

Após, passamos a Timão de Fliunte, o principal discípulo de Pirro, e analisamos PE. 14. 18. 1-5, notadamente o problema da própria transmissão do texto, assim como os problemas da atribuição de um posicionamento teórico e de um arcabouço conceitual a Pirro.

Por sua vez, esses três problemas acima citados nos levaram à controvérsia sobre a possibilidade do proferimento de asserções dogmáticas por parte de Pirro, que só pôde ser elucidada a partir de uma abordagem da filosofia atomista.

Assim, tendo esclarecido esses pontos, nos voltamos para um mapeamento do legado conceitual de Timão de Fliunte e também para a sua belicosidade.

---

e não podia observar como os deuses são e se algum deles existe, salvaguardando completamente sua honestidade” (Adv. Phy. I, 57).

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS****Fontes Primárias:**

ARISTOTLE. *The Complete Works of Aristotle*. The Revised Oxford Translation. BARNES, J (ed.), 2 vols. Princeton: Princeton University Press, 1984.

DECLEVA CAIZZI, F. (org.). *Pirrone testimonianze*. Nápoles: Bibliopolis, 1981.

DIELS, H.; KRANZ, W. *Die Fragmente der Vorsokratiker*, 3 vols. Berlim: Weidmann, 1974.

DIOGENES LAERTIUS. *Lives of eminent philosophers*. HICKS, R. D. (trad.). Londres: William Heinemann, 1975.

DIÔGENES LAÊRTIOS. *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: Editora UNB, 2008.

EUSEBIUS OF CESAREA. *Praeparatio Evangelica*. Kindle edition.

GALEN. *On the natural faculties*. Harvard: Harvard University Press, 1991.

GALENI. *De Placitis Hippocratis et Platonis*. Berlim: Akademie Verlag, 2005.

GAZZINELLI, G. G. *A Vida Cética de Pirro*. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

GIANNANTONI, G. (org.). *Socratis et Socraticorum Reliquiae, collegit, disposuit, apparatus notisque instruxit Gabriele Giannantoni*, 4 vols. Nápoles: Bibliopolis, 1985.

KIRK, G. S.; RAVEN, J. E.; SCHOFIELD, M. *Os filósofos pré-socráticos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1994.

LONG, A.A.; SEDLEY, D.N. *The Hellenistic Philosophers: translation of the principal sources, with philosophical commentary*, 2 vols. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

LONG, H. S. *Diogenes Laertii vitae philosophorum*, 2 vols. Oxford: Oxford University Press, 1964.

MEKLER. *Academicorum Philosophorum Index Herculensis*. Berlin, 1902.

PHILODEMUS OF GADARA. *Philodemus on piety: critical text with commentary*, 2 vols. OBBINK, D. (trad.). Oxford: Clarendon Press, 1996.

PLUTARCH. *Plutarch's Morals. Translated from the Greek by several hands. Corrected and revised by. William W. Goodwin, PH. D.* Cambridge: Press Of John Wilson and son, 1874.

PLUTARCH. *Lives Vol. III, Pericles and Fabius Maximus. Nicias and Crassus*. In: *Loeb Classical Library*. Harvard: Harvard University Press, 1916.

POLYBIUS. *The Complete Histories of Polybius*. Kansas: Digireads.com, 2009.

SEXTO EMPÍRICO. *Contra os retóricos*. BRITO, R. P.; HUGUENIN, R. (trad.). São Paulo: EdUNESP, 2013.

Brito, Rodrigo

*A sucessão de Pirro e a transmissão de seu arcabouço conceitual*

SEXTUS EMPIRICUS. *Complete Works of*, 4 vols. BURY, R. G. (trad.). In: *Loeb Classical Library*. Harvard: Harvard University Press, 2006.

SEXTUS EMPIRICUS. *Outlines of Scepticism*. ANNAS, J.; BARNES, J. (eds.) Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

SEXTUS EMPIRICUS. *Against the Ethicists*. BETT, R. (trad.). Oxford: Clarendon Press, 1997.

SEXTUS EMPIRICUS. *Against the Grammarians*. BLANK, D. L. (trad.). Oxford: Clarendon Press, 1998.

TAYLOR, C. C. W. (org. & trad.). *The atomists: Leucippus and Democritus, fragments*. In: *The Phoenix Presocratics*. Toronto: University of Toronto Press, 2010.

### Fontes Secundárias:

BRANCACCI, A. *La filosofia di Pirrone e le sue relazioni com il cinismo*. In: GIANNANTONI, G. (org.). *Lo scetticismo antico*. Roma, 1981.

BROCHARD, Victor. *Os Céticos Gregos*. São Paulo: Editora Odysseus, 2010.

CASSIN, B. *O efeito sofístico*. São Paulo: Editora 34, 2005.

DECLEVA CAIZZI, F. *τῶφος: Contributo allá storia di un concetto*. In: *Sandalion* 3, 1980.

GIANNANTONI, G. (org.). *Lo scetticismo antico*. Roma, 1981.

GOULET-CAZÉ, M-O; BRANHAM, R. B. (orgs.). *Os cínicos: o movimento cínico na Antiguidade e seu legado*. São Paulo: Loyola, 2007.

LONG, A. A. *A tradição socrática: Diógenes, Crates e a ética Helenística*. In: GOULET-CAZÉ, M-O; BRANHAM, R. B. (orgs.). *Os cínicos: o movimento cínico na Antiguidade e seu legado*. São Paulo: Loyola, 2007.

### c- Obras de Referência:

BAILLY, A. *Dictionnaire Grec-Français*. Paris: Hachette, 1950.

CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque*. Histoire des Mots, 2 vols. Paris: Klincksieck, 1984.

LIDELL, H. G.; SCOTT, R. *A Greek-English Lexicon. revised and augmented throughout by Sir Henry Stuart Jones. with the assistance of Roderick McKenzie*. Oxford: Clarendon Press, 1940.

[Recebido em maio de 2013; aceito em julho de 2013.]